

O CORPO  
ESCRAVIZADO  
E O CORPO  
NEGRO

TONI  
MORRISON

RACISMO  
E FASCISMO

# Sumário

Capa

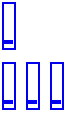
Sumário

Racismo e fascismo

O corpo escravizado e o corpo negro

*Sobre a autora*

*Créditos*



# Racismo e fascismo

Recordemos que, antes de haver uma solução final, deve haver uma primeira solução, e uma segunda, até uma terceira. O movimento em direção à solução final não é um salto. Dá-se um passo, depois outro e mais outro. Algo, talvez, nestes moldes:

I. Invente um inimigo interno, como foco e distração.

II. Isole e demonize esse inimigo dando rédea e amparando a circulação de abusos verbais e insultos explícitos ou cifrados.

III. Arregimente e crie fontes e distribuidores de informação dispostos a reforçar o processo de demonização, porque é lucrativo, porque outorga poder e porque funciona.

IV. Cerceie todas as formas de arte; monitore, difame ou expulse aqueles que desafiam ou desestabilizam os processos de demonização e deificação.

V. Destrua e calunie todos os representantes e simpatizantes do inimigo inventado.

VI. Alicie, entre os inimigos, colaboradores que aceitem e possam higienizar o processo de despossessão.

VII. Patologize o inimigo em mídias populares e acadêmicas; recicle, por exemplo, o racismo científico e os mitos de superioridade racial de forma a naturalizar a patologia.

VIII. Criminalize o inimigo. Em seguida, prepare, arrecade fundos e justifique a construção de arenas de contenção para o inimigo —

sobretudo seus homens e, imperiosamente, suas crianças.

IX. Recompense o desinteresse e a apatia com entretenimentos monumentais e pequenos prazeres, discretas seduções: alguns minutos na televisão, algumas linhas na imprensa; um pouco de pseudossucesso; a ilusão de poder e influência; um pouco de diversão, um pouco de glamour, um pouco de relevância.

X. Mantenha, a todo custo, o silêncio.

Em 1995, o racismo pode até se apresentar de vestido novo ou com outro par de botas, mas nem ele, nem seu irmão gêmeo, o fascismo, são novidades ou podem fazer algo de novo. Podem apenas reproduzir o ambiente que garante sua própria saúde: medo, negação e uma atmosfera em que suas vítimas tenham perdido a vontade de lutar.

As forças interessadas em soluções fascistas para problemas nacionais não se encontram em um ou outro partido político, ou em uma ou outra ala de um único partido. Democratas não têm uma história irretocável de igualitarismo. Nem estão os liberais livres de qualquer agenda de dominação. Republicanos abrigaram abolicionistas e supremacistas brancos. Conservadores, moderados, liberais; direita, esquerda, esquerda radical, extrema direita; religiosos, seculares, socialistas — não podemos nos deixar ofuscar por esses rótulos ao estilo Pepsi-Cola ou Coca-Cola, porque o gênio do fascismo reside no fato de que qualquer estrutura política pode abrigar-lhe o vírus e quase qualquer país desenvolvido pode se tornar um hospedeiro apropriado. Fascismo envolve ideologia, mas, no fundo, trata-se mesmo é de propaganda — propaganda pelo poder.

É reconhecível pela necessidade de expurgar, pelas estratégias que usa para tanto e pelo horror às agendas verdadeiramente democráticas. É reconhecível pela determinação de converter todos os serviços públicos à iniciativa privada, todas as organizações não lucrativas ao seu oposto —

de modo que o hiato estreito, mas protetor, entre governo e negócios desapareça. Transforma cidadãos em meros contribuintes — alimentando o ódio dos indivíduos contra a própria noção de bem público. Transforma vizinhos em consumidores, a ponto de a medida do nosso valor como seres humanos já não ser a nossa humanidade ou nossa generosidade, mas nossas propriedades. Faz da criação dos filhos um estado de pânico, para que assim votemos contra os interesses das nossas próprias crianças — contra o plano de saúde *delas*, a educação *delas*, a segurança *delas* contra armas de fogo. E, efetuando essas mudanças, produz o capitalista perfeito, do tipo disposto a matar uma pessoa por um produto (um par de tênis, uma jaqueta, um carro) ou disposto a matar gerações inteiras pelo controle sobre produtos (petróleo, drogas, frutas, ouro).

Quando todos os nossos medos tiverem sido transformados em episódios de uma série de TV, nossa criatividade censurada, nossas ideias adaptadas às pesquisas de mercado, nossos direitos vendidos, nossa inteligência reduzida a slogans, nossa força paralisada, nossa privacidade leiloada; quando tudo na vida se reduzir a encenação, entretenimento e comércio, nós nos veremos vivendo não em uma nação, mas num consórcio de indústrias, completamente ininteligíveis para nós mesmos, exceto por aquilo que vemos em espelho e de maneira confusa.

# O corpo escravizado e o corpo negro

Em 1988, o mesmo ano em que James Cameron inaugurou o Museu Americano do Holocausto Negro, aqui em Milwaukee, respondi a uma pergunta de um entrevistador. Tendo publicado um romance que investigava as vidas de uma família nascida sob o jugo da escravidão, fui indagada sobre a necessidade e o propósito de articular aquele capítulo inenarrável da história americana. A necessidade de recordar os homens, as mulheres, as crianças que sobreviveram ou não aos três séculos de comércio internacional durante os quais seus corpos, suas mentes, seus talentos, seus filhos, seu trabalho foram trocados por dinheiro — dinheiro que não podiam demandar como seu. Como o argumento em favor de se esquivar de memórias ruins ou de sublimá-las era muito forte, sendo entendido, em certos círculos, não apenas como progressista, mas saudável, por que eu desejaria remexer as cicatrizes, os queloides que a Guerra Civil, as lutas cívicas e o próprio tempo haviam recoberto? O corpo escravizado estava morto, não? O corpo negro, por outro lado, estava vivo, correto? Não apenas andando por aí, e falando, e trabalhando, e se reproduzindo, mas florescendo, gozando dos benefícios da cidadania plena e dos frutos de seu próprio trabalho. A pergunta parecia sugerir que, à revelia da magnitude do empreendimento, quase nada de bom poderia advir da escrita de um livro que descascava as várias camadas de tecido cicatrizado que o corpo negro produzira de modo a obscurecer, se não aniquilar, o corpo escravizado subterrâneo.

Minha resposta foi pessoal. Veio de uma espécie de exaustão que se seguiu à conclusão do meu romance. Uma irritabilidade. Uma tristeza.

“Não há lugar”, eu disse, “aonde eu ou você possamos ir para refletir ou não refletir, para evocar a presença, ou relembrar a ausência, dos escravizados; nada que nos recorde daqueles que completaram a travessia e dos que ficaram no meio do caminho. Não há um memorial apropriado, não há uma placa, grinalda ou parede, parque ou lobby de arranha-céu. Não há torre de noventa metros de altura, nem banquinho de beira de estrada. Não há sequer uma árvore marcada, uma inicial que eu ou você possamos visitar em Charleston ou em Savannah ou em Nova York ou em Providence ou, melhor ainda, nas margens do Mississippi.”

“Alguém me disse”, continuei, “que há um cavalheiro em Washington que ganha a vida levando multidões de turistas para conhecer os monumentos da cidade. E esse cavalheiro reclamou que nunca há nada sobre os negros que ele possa mostrar. Eu não consigo explicar por que penso que seja importante, mas de fato penso que seja. Acho revigorante. Não só isso, e não só para os negros. Cabe também apontar o discernimento moral que existiu entre os brancos, em seus melhores momentos, alguns se arriscando quando não precisavam arriscar nada, tendo o silêncio como opção; também não há monumento para isso.” Exceto nos nomes de instituições que homenageiam o cuidado ou a generosidade de alguma pessoa branca: Spingarn, general Howard, Spelman etc. “Não tenho nenhum modelo em mente”, eu disse, “uma pessoa ou sequer uma forma de arte. Tenho apenas uma fome por um lugar permanente. Não precisa ser um rosto monumental esculpido numa montanha. Pode ser algo pequeno, algum lugar onde seja possível descansar. Pode ser uma árvore. Não precisa ser uma estátua da liberdade.”



Como podem perceber, eu me sentia bastante desolada quando fiz aqueles comentários.

Quando uso o termo “corpo escravizado”, distinguindo-o de “corpo negro”, pretendo sublinhar o fato de que a escravidão e o racismo são dois fenômenos separados. As origens da escravidão não são necessariamente (ou mesmo em geral) racistas. Comprar e vender pessoas é comércio antigo. É provável que não haja ninguém neste auditório cujos ancestrais ou dentro de cuja tribo não tenham existido escravizados. Se você é cristão, contaram-se escravizados entre os seus; se é judeu, contaram-se escravizados entre os seus; se é muçulmano, os escravizados lhe dizem respeito. Do mesmo modo, se seus ancestrais são europeus, eles também viveram sob a servidão da Europa Oriental, o arrendamento feudal na Inglaterra, na Europa viking, na Espanha visigoda, ou em Gênova, ou na Veneza e na Florença dos séculos XV e XVI. A maior parte da população da Roma Antiga e da Grécia — todas sociedades escravagistas deliberadamente construídas. A Gana medieval; o Mali; os reinos de Daomé e de Axanti. A escravidão foi essencial para o mundo do islã; foi sistemática no Oriente, incluindo mil anos apenas na Coreia. Estamos todos implicados nessa instituição. Os colonos do Novo Mundo, modelando suas economias em sociedades contemporâneas ou passadas que dependiam da mão de obra gratuita, tentaram escravizar as populações autóctones e teriam importado qualquer grupo de estrangeiros disponíveis, capazes e inquebrantáveis. Disponíveis, porque os reinos africanos altamente organizados podiam fornecer trabalhadores para os europeus; capazes porque eram inteligentes, adaptáveis e fortes; inquebrantáveis, pois eram criativos, espirituais e bastante preocupados com seus filhos — os estrangeiros da África se encaixavam perfeitamente.

Não apenas as origens, mas as consequências da escravidão nem sempre são racistas. O que é “peculiar” na escravidão do Novo Mundo não é sua existência, mas sua conversão à tenacidade do racismo. A desonra associada a ter sido escravizado não condena inevitavelmente os herdeiros de alguém à vilificação, à demonização ou ao suplício. O que sustenta isso é o racismo. Grande parte do que tornou excepcional a escravidão no Novo Mundo foram os traços raciais nitidamente identificáveis de sua população em que a cor da pele — antes de tudo, mas não de modo exclusivo — interferia na habilidade de gerações subsequentes se mesclarem com a população não escravizada. Não havia chance de esconder, disfarçar ou ofuscar o antigo status de escravizado, pois uma visibilidade bem marcada forçava a divisão entre antigos escravizados e não escravizados (embora a história desafie essa distinção), sustentando uma hierarquia racial. A passagem, portanto, da desonra associada ao corpo escravizado para o desprezo pelo corpo negro se deu quase que de forma harmoniosa, pois os anos intermediários do Iluminismo assistiram ao casamento entre estética e ciência, bem como uma movimentação em direção a uma brancura transcendente. Nesse racismo, o corpo escravizado desaparece, mas o corpo negro permanece, transmutando-se em sinônimo de gente pobre, sinônimo de criminalidade e um ponto de inflamação nas políticas públicas. Pois não há discurso na economia, na educação, na moradia, na saúde, no entretenimento, no sistema criminal, nos programas de assistência, nas políticas trabalhistas — em quase nenhum dos debates nacionais que continuam a nos assombrar — em que o corpo negro não seja o elefante na sala; o fantasma na máquina; o alvo, se não o tópico, das negociações.

Os projetos desse museu guardam enormes poderes. Primeiro, o poder de eternizar pela memória. O impulso de memorializar certos eventos,

certas pessoas e certos povos surge em certas épocas. Quando o que aconteceu é enfim compreendido ou é visto como uma afirmação incisiva do orgulho pessoal ou cívico, túmulos e palácios são construídos, amontoam-se flores, erguem-se estátuas, constroem-se arquivos, hospitais, parques e museus. Sendo o tempo um fator importante nesse processo, a maior parte dos que participaram dos eventos contemplados nunca assiste a nada disso. Mas o crescimento deste país nos séculos XVI, XVII e XVIII, à custa do trabalho escravo, é complicado e excepcional. Excepcional pela duração e pela natureza escravagista; complexo pela relação intrincada com o desenvolvimento cultural, econômico e intelectual da nação. É isso que deve ser lembrado. E aqui se insinua outro poder desse projeto: o de nos tornar ciosos das formas adaptáveis, persistentes e escorregadias do racismo moderno, no qual o corpo escravizado é reconstruído, tornando a encarnar no corpo negro, valendo-se de uma forma bem americana de limpeza étnica pela qual um número monstruosamente grande de homens negros e mulheres negras é cuidadosamente encarcerado, tornando-se mais uma vez mão de obra gratuita — cercado, mais uma vez, em nome do lucro. Não se enganem: a privatização das prisões é menos uma questão de desafogar os contribuintes do que de oferecer fontes de renda a comunidades falidas e, sobretudo, de prover corporações com a comodidade de uma população cativa disponível para o trabalho não remunerado.

O terceiro poder do projeto do museu, talvez o mais importante e com certeza o mais gratificante, é o olhar que ele lança sobre os aspectos triunfantes e regeneradores da história da república — em preto e branco. É isso que intuo: a despeito de todas as estratégias comerciais e políticas para nos separar, dividir e distorcer, os jovens parecem estar verdadeiramente cansados do controle que o racismo exerce sobre a vida

deles. A comunidade artística está exausta e se rebela contra suas limitações. Pessoas de baixa renda, percebendo como se encontram enredadas e cerceadas pelo domínio econômico segregador do racismo, desprezam-no. Acadêmicos que não se deixam intimidar por suas garras o dissecam. Estamos nos tornando mais industriais quando se trata de substituir histórias fictícias, políticas poluídas e manipulação midiática por precisão, por novas perspectivas e novas narrativas.

Alegro-me que meu comparecimento coincida com a exposição de artistas afro-americanos cujos olhos encontraram em todos os níveis os estereótipos e o rebaixamento visual predominantes em outras partes. Por meio de sua arte, seu gosto, seu gênio, vemos sujeitos afro-americanos como indivíduos, apreciados e compreendidos. Assistir a essa exibição de força, de vitalidade, de humanidade, alegria e vontade deve bastar para limitar o alcance dos tentáculos do racismo. Deve bastar para nos proteger de seu toque desinformado, inculto e incansavelmente tóxico. Assim como o comprometimento desta comunidade também há de bastar. Não acham? Obrigada.

TONI MORRISON nasceu em 1931, em Ohio, nos Estados Unidos. Formada em letras pela Universidade Howard, estreou como romancista em 1970, com *O olho mais azul*. Em 1975, foi indicada para o National Book Award com *Sula* (1973), e dois anos depois venceu o National Book Critics Circle com *Song of Solomon* (1975). *Amada* (1987) lhe valeu o prêmio Pulitzer. Foi a primeira escritora negra a receber o prêmio Nobel de literatura, em 1993. Aposentou-se em 2006 como professora de humanidades na Universidade Princeton. Morreu em 2019, aos 88 anos.

Textos retirados do livro *A fonte da autoestima*, copyright © 2019 by Toni Morrison

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Ale Kalko

*Preparação*

Ana Cecília Agua de Melo

*Revisão*

Ana Maria Barbosa

Isabel Cury

ISBN 978-85-5451-771-7

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

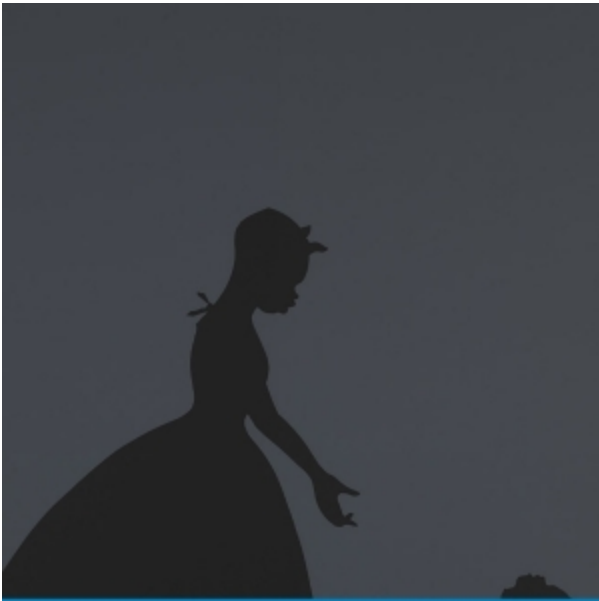
[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)



PREMIO NOBEL  
COMPANHIA DAS LETRAS

TONI MORRISON

O OLHO MAIS AZUL

# O olho mais azul

Morrison, Toni  
9788554515850  
224 páginas

[Compre agora e leia](#)

**Uma tentativa de dramatizar a opressão que o preconceito racial pode causar na mais vulnerável das criaturas: uma menina negra.**

Considerado um dos livros mais impactantes de Toni Morrison, o primeiro romance da autora conta a história de Pecola Breedlove, uma menina negra que sonha com uma beleza diferente da sua. Negligenciada pelos adultos e maltratada por outras crianças por conta da pele muito escura e do cabelo muito crespo, ela deseja mais do que tudo ter olhos azuis como os das mulheres brancas — e a paz que isso lhe traria. Mas, quando a vida de Pecola começa a desmoronar, ela precisa aprender a encarar seu corpo de outra forma.

Poderosa reflexão sobre raça, classe social e gênero, *O olho mais azul* é um livro atemporal e necessário.

"É sempre preciso ler e reler os livros de Toni Morrison. Todos eles são transcendentais. Você vai me agradecer depois da leitura." — Barack Obama

"Impossível terminar de ler este livro sem questionar os padrões de beleza e os riscos que a sociedade impõe às jovens." — *The Guardian*

[Compre agora e leia](#)





**DJAMILA  
RIBEIRO**

COMPANHIA DAS LETRAS

**PEQUENO  
MANUAL  
ANTIRRACISTA**



# Pequeno manual antirracista

Ribeiro, Djamila

9788554515997

136 páginas

[Compre agora e leia](#)

## **Dez lições breves para entender as origens do racismo e como combatê-lo.**

Neste pequeno manual, a filósofa e ativista Djamila Ribeiro trata de temas como atualidade do racismo, negritude, branquitude, violência racial, cultura, desejos e afetos. Em dez capítulos curtos e contundentes, a autora apresenta caminhos de reflexão para aqueles que queiram aprofundar sua percepção sobre discriminações racistas estruturais e assumir a responsabilidade pela transformação do estado das coisas.

Já há muitos anos se solidifica a percepção de que o racismo está arraigado em nossa sociedade, criando desigualdades e abismos sociais: trata-se de um sistema de opressão que nega direitos, e não um simples ato de vontade de um sujeito.

Reconhecer as raízes e o impacto do racismo pode ser paralisante. Afinal, como enfrentar um monstro desse tamanho? Djamila Ribeiro argumenta que a prática antirracista é urgente e se dá nas atitudes mais cotidianas. E mais ainda: é uma luta de todas e todos.

[Compre agora e leia](#)

---

PATRÍCIA CAMPOS MELLO

---

# A MÁQUINA DO ÓDIO

---

NOTAS DE UMA REPÓRTER  
SOBRE FAKE NEWS  
E VIOLÊNCIA DIGITAL

---

COMPANHIA DAS LETRAS

# A máquina do ódio

Mello, Patrícia Campos

9788554517731

196 páginas

[Compre agora e leia](#)

**O relato de uma das maiores jornalistas da atualidade sobre as ameaças à liberdade de imprensa no Brasil e no mundo.**

Em *A máquina do ódio*, Patrícia Campos Mello discute como as campanhas de difamação podem ser consideradas uma nova forma de censura, terceirizada e difundida pelos exércitos de trolls patrióticos repercutidos por robôs no Twitter, Facebook, Instagram e WhatsApp — cujas principais vítimas são jornalistas mulheres.

Dias antes do segundo turno da eleição de 2018, ela publicou a primeira de uma série de matérias sobre o financiamento de disparos em massa no WhatsApp e de redes de disseminação de notícias falsas, na maioria em benefício do então candidato Jair Bolsonaro. Desde então, a repórter se tornou alvo de violentos ataques intimidatórios por parte do chamado gabinete do ódio e de suas milícias digitais.

Patrícia também acompanhou a utilização crescente das redes sociais nas eleições internacionais que cobriu: nos Estados Unidos, em 2008, 2012 e 2016; na Índia, em 2014 e 2019. À experiência de observadora do avanço dos tecnopopulistas e seu "manual para acabar com a mídia crítica", somou-se a de protagonista involuntária no front de uma guerra contra a verdade.

Em meio à ascensão de governos exímios em manipular os fatos e no contexto da terrível pandemia de Covid-19, a imprensa tem uma oportunidade única de renascer. Relato envolvente de um dos capítulos mais turbulentos de nossa história recente, *A máquina do ódio* é também um manifesto em defesa da informação.

"Graças ao trabalho desbravador de algumas jornalistas, nós pudemos descobrir e entender como a internet contribuiu para propagar movimentos contrários à democracia. Dentre elas, destacam-se a indiana Rana Ayyub, a britânica Carole Cadwalladr e a brasileira Patrícia Campos Mello. É simples: se você quer entender os desafios atuais para a democracia no mundo, você precisa ler este livro." — Jason Stanley, professor de filosofia na Universidade Yale e autor de *Como funciona o fascismo*

"Para entender a natureza dos riscos que ameaçam a democracia brasileira hoje, é preciso seguir o rastro da conspiração digital que simula movimentos de apoio popular e fabrica ódio contra pessoas e instituições. O livro de Patrícia Campos Mello desvenda esse mundo das sombras com um texto envolvente e esclarecedor. Recomendo fortemente a leitura. E quanto antes, melhor." — Miriam Leitão

[Compre agora e leia](#)

CHIMAMANDA  
NGOZI ADICHIE

SEJAMOS  
TODOS  
FEMINISTAS

  
COMPANHIA DAS LETRAS



# Sejamos todos feministas

Adichie, Chimamanda Ngozi

9788543801728

24 páginas

[Compre agora e leia](#)

O que significa ser feminista no século XXI? Por que o feminismo é essencial para libertar homens e mulheres? Eis as questões que estão no cerne de *Sejamos todos feministas*, ensaio da premiada autora de *Americanah* e *Meio sol amarelo*. "A questão de gênero é importante em qualquer canto do mundo. É importante que comecemos a planejar e sonhar um mundo diferente. Um mundo mais justo. Um mundo de homens mais felizes e mulheres mais felizes, mais autênticos consigo mesmos. E é assim que devemos começar: precisamos criar nossas filhas de uma maneira diferente. Também precisamos criar nossos filhos de uma maneira diferente." Chimamanda Ngozi Adichie ainda se lembra exatamente da primeira vez em que a chamaram de feminista. Foi durante uma discussão com seu amigo de infância Okoloma. "Não era um elogio. Percebi pelo tom da voz dele; era como se dissesse: 'Você apoia o terrorismo!'" Apesar do tom de desaprovação de Okoloma, Adichie abraçou o termo e — em resposta àqueles que lhe diziam que feministas são infelizes porque nunca se casaram, que são "anti-africanas", que odeiam homens e maquiagem — começou a se intitular uma "feminista feliz e africana que não odeia homens, e que gosta de usar batom e salto alto para si mesma, e não para os homens". Neste ensaio agudo, sagaz e revelador, Adichie parte de sua experiência pessoal de mulher e nigeriana para pensar o que ainda precisa

ser feito de modo que as meninas não anulem mais sua personalidade para ser como esperam que sejam, e os meninos se sintam livres para crescer sem ter que se enquadrar nos estereótipos de masculinidade.

[Compre agora e leia](#)



---

**TABATA  
AMARAL**

---

**NOSSO  
LUGAR**

O CAMINHO QUE ME LEVOU  
À LUTA POR MAIS MULHERES  
NA POLÍTICA

---

---

COMPANHIA DAS LETRAS

# Nosso lugar

Amaral, Tabata  
9788554517670  
192 páginas

[Compre agora e leia](#)

## **O relato de uma trajetória excepcional e um manifesto por uma sociedade mais justa.**

Em *Nosso lugar*, Tabata Amaral narra a sua trajetória até a campanha que a elegeu deputada federal como a segunda mulher mais votada no país. Como ela mesma diz: "Eu poderia ter muito orgulho de ser a primeira da minha comunidade a conquistar aquele lugar, mas não poderia me aquietar enquanto fosse a única".

Tabata cresceu na Vila Missionária, no extremo sul de São Paulo, e viveu na infância as dificuldades enfrentadas por tantas famílias de migrantes nordestinos instaladas precariamente nas periferias das grandes cidades. Depois de alcançar medalha de prata em uma olimpíada de matemática, percorreu um caminho extraordinário que desembocou na Universidade Harvard, onde se formou com uma tese sobre os fatores políticos que impactam a educação pública em diferentes municípios brasileiros. Nesta obra, a deputada entrelaça suas experiências pessoais e profissionais — enquanto narra as dificuldades de ser uma mulher jovem no ambiente político — e conta como lida com *fake news* e ataques coordenados. Se seguirmos no ritmo atual, levaremos cerca de cem anos para alcançar mundialmente a igualdade de gênero na representação política. Acelerar essa transformação é o objetivo deste livro, e um imperativo para todas as pessoas que desejam uma sociedade mais justa.

"Tabata Amaral é um tesouro nacional. Encontrei milhares de estudantes talentosos nos meus vinte anos como professor em Harvard, mas ela é a mais talentosa de todos. Hoje o Brasil está sofrendo. Mas Tabata e sua

geração trazem esperança." — Steven Levitsky, autor de *Como as democracias morrem*

"Tabata Amaral impressiona não só por sua inspiradora história de vida, mas por entender que chegar aonde ela chegou não é questão de mero esforço pessoal. Sua aposta é em políticas públicas que transformem a educação brasileira e tornem o desenvolvimento mais inclusivo e sustentável." — Claudia Costin, diretora do Centro de Excelência em Políticas Educacionais da FGV

[Compre agora e leia](#)